

The background of the image is a person wearing a rainbow flag t-shirt. Overlaid on this are several semi-transparent, colorful shapes: a large light green circle on the left, a large light blue circle in the center, a large light purple circle on the right, and several smaller circles in various colors (pink, blue, purple) scattered throughout. The text is positioned on the left side of the image.

The FREE Project:
Relatório preliminar
sobre jovens LGBTQ+
e clima escolar em
Portugal – Maio 2022

O Projeto Free é financiado pela Research Foundation – Flanders/ Fonds voor Wetenschappelijk Onderzoek – Vlaanderen.
Grant number 12V8120N.

Em Portugal, o trabalho foi financiado pelo Centro de Psicologia da Universidade do Porto e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT UIDB/00050/2020).

Agradecimentos

A equipa de investigação agradece a participação valiosa de todas as pessoas que responderam a este questionário, assim como o contributo das estudantes do mestrado em Psicologia da FPCEUP do ano letivo de 2021/2022 Diana Sousa, Inês Bulhosa e Fernanda Rocca.

Como citar:

Fernandes, T., Alves, B. & Gato, J. (2022, fevereiro). *The Free Project: Relatório preliminar sobre jovens LGBTQ+ e clima escolar em Portugal*. DOI: 10.5281/zenodo.6553126



CENTRO
DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DO PORTO



Sumário executivo

A discriminação e o *bullying* com base nas características sexuais biológicas, na orientação sexual, e na expressão e identidade de género tem sido identificado como um problema global que viola os direitos humanos de jovens LGBTQ+ e prejudica o seu bem-estar biopsicossocial e o seu sucesso escolar¹. Por outro lado, a forma como os estabelecimentos escolares lidam com esta problemática e procuram integrar as temáticas LGBTQ+ no seu currículo está ainda longe de ser suficiente e nem sempre é percebida por esta população como eficaz. Este relatório tem como objetivo apresentar dados recolhidos no âmbito do Projeto FREE - *Fostering the Right to Education in Europe* sobre as experiências de jovens LGBTQ+ no contexto escolar português. Os/as estudantes LGBTQ+ inquiridos/as reportam ser vítimas de *bullying* com mais frequência, e nem sempre avaliam a intervenção da sua escola como atenta ou eficaz. Como consequência, optam muitas vezes por permanecer na invisibilidade, tanto na escola como no contexto familiar.

Espera-se que os resultados apresentados permitam compreender melhor este fenómeno e contribuam para desenvolver estratégias mais eficazes de prevenção e intervenção, de modo a garantir a segurança e o bem-estar de toda a comunidade escolar em território português.



Índice

Introdução	4
Método	6
Procedimento de recolha de dados	6
Amostra	7
Resultados	9
1. <i>Bullying</i> em contexto escolar	10
1.1. <i>Bullying</i> em função da orientação sexual e da identidade de género	11
1.2. <i>Cyberbullying</i> em função da orientação sexual e da identidade de género	12
1.3. Motivos invocados para o <i>bullying</i>	13
1.4. Locais da escola onde ocorrem as situações de <i>bullying</i>	14
1.5. Reações ao <i>bullying</i>	15
2. Experiências de jovens trans, com identidades não binárias, queer ou em questionamento	16
3. Visibilidade na escola	17
4. Práticas inclusivas nas escolas	18
5. Família e outras redes de apoio	21
6. Tentativas de conversão da orientação sexual	23
Conclusões	24
Recomendações	26
Recursos úteis	27

O presente relatório tem como principal objetivo apresentar alguns resultados preliminares nacionais do projeto de investigação **FREE - *Fostering the Right to Education in Europe***. O projeto FREE resulta de uma parceria entre o Departamento de Sociologia da **Universidade de Ghent**, na Bélgica (coordenação de Salvatore Ioverno, Mieke Van Houtte e Alexis Dewaele), o ***Centro de Psicologia Diferencial/Centro de Psicologia da Universidade do Porto da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto*** (coordenação de Jorge Gato). Para além de Portugal e da Bélgica, este estudo decorreu simultaneamente noutros países, com objetivos similares, em parceria com organizações e centros de investigação locais de Itália, Espanha, Grécia, Eslovénia, Letónia, Croácia, Irlanda, Áustria, França e Reino Unido. O estudo pretendeu, por um lado, investigar as vivências e perceções de estudantes de escolas de nível básico e secundário acerca de temáticas relacionadas com a diversidade sexual e de género e, por outro lado, compreender de que forma as escolas têm desenvolvido respostas no combate ao preconceito e discriminação em

função da **orientação sexual, identidade e expressão de género** e na promoção do bem-estar e inclusão da sua população estudantil². Nas últimas duas décadas ocorreram mudanças profundas no contexto cultural e social português relativamente às questões da sexualidade e de género. Essas mudanças traduziram-se num enquadramento legislativo que agora reconhece e protege o princípio da igualdade em função da orientação sexual, da identidade e expressão de género e das características sexuais, em contextos que vão desde o acesso a serviços, na saúde, na segurança, na conjugalidade, na parentalidade, ou na autodeterminação da identidade de género. Também no contexto educativo essa mudança se faz sentir, através de instrumentos como a Lei sobre Educação Sexual em Contexto Escolar, o Estatuto da Ética e do Aluno, os Referenciais de Educação para a Cidadania, ou a lei que reconhece o direito à autodeterminação de género³. Apesar deste enquadramento legal mais protetor, existem ainda poucos estudos que se debrucem sobre a população juvenil que se identifica como **lésbica, gay, bissexual, trans, queer ou em**

questionamento (LGBTQ+). Numa pesquisa prévia realizada em Portugal sobre o clima escolar (N = 672), mais de um terço (36%) de jovens de minorias sexuais (LGB) e mais de um quarto (27.9%) de jovens de minorias de género (trans) sentia que a escola era um espaço frequentemente inseguro⁴. No mesmo sentido, de acordo com o Inquérito Europeu LGBTI+ da Agência para os Direitos Fundamentais da União Europeia, apenas uma em cada dez pessoas (11%) com idades entre os 15 e os 17 anos de idade revelam abertamente a sua identidade LGBTI+ nas escolas portuguesas⁵. Simultaneamente, cerca de dois terços dos/as participantes sentiram-se discriminados/as na escola e testemunharam comentários ou condutas negativas sempre que alguém era identificado como LGBTI+ e aproximadamente metade relatou ter sido vítima de bullying. Numa nota mais positiva, embora as questões LGBTI+ pareçam ser raramente abordadas na educação escolar, quase dois terços afirmaram que receberam frequentemente ou de forma constante apoio de alguém na escola, que os/as defendeu ou protegeu os seus direitos⁶.

Introdução

O estudo FREE pretende, neste contexto, contribuir para uma intervenção mais informada das várias entidades envolvidas nas comunidades educativas e para um debate público mais alargado sobre a inclusão das temáticas da diversidade sexual e de género e, sobretudo, a proteção do bem-estar de jovens em contexto escolar. Tal objetivo vai ao encontro do conjunto de medidas propostas pela Estratégia Nacional para a Cidadania e Igualdade Portugal + Igual, e em particular pelo **Plano de Ação para o Combate à Discriminação em Razão da Orientação Sexual, Identidade e Expressão de Género, e Características Sexuais (PAOIEC)**⁷.



Os dados deste estudo foram recolhidos através de um **inquérito por questionário** disponível online entre **setembro de 2020 e julho de 2021**. A divulgação foi feita através de uma campanha de comunicação em redes sociais (tendo sido criadas páginas do projeto no [Facebook](#), [Instagram](#) e [Twitter](#)), assim como através de convites à participação e disseminação enviados para agrupamentos de escolas, associações de estudantes, federações de associações juvenis, associações de profissionais das áreas da educação e psicologia, entidades que trabalham no contexto educativo, e, finalmente, coletivos e organizações LGBTQ+.

A amostra é constituída por jovens com idades compreendidas entre os **14 e os 19 anos de idade** que frequentaram uma **escola de nível básico ou secundário ou equivalente em território português**, durante o ano letivo de 2020-2021. No total, o estudo contou com a participação de **1535 estudantes**, com uma média de 16 anos de idade, provenientes de todos os concelhos do Continente e Regiões Autónomas da Madeira e Açores. Verificou-se uma representação significativamente maior de estudantes do nível secundário (87.7%) comparativamente ao nível básico, assim como de estudantes que nasceram em Portugal (95%) relativamente a outras proveniências. Aproximadamente dois terços das pessoas que participaram (64.8%) frequentam cursos científico-humanísticos, um quinto frequenta cursos profissionais (19.5%), e as restantes outras modalidades de ensino (15.7%). No que concerne à **identidade de género**, cerca de dois terços da amostra (66%) identificaram-se como mulher e aproximadamente um quarto (23.7%) como homem. Uma pessoa em cada dez (10.1%) identificou-se ou como homem ou mulher trans, como pessoa não binária ou gender queer, como intersexo⁹, ou ainda como

alguém em questionamento da sua identidade de género (Figura 1). A forma como as pessoas se identificaram em termos da sua identidade sexual e de género reflete, desde logo, diversidade, com uma representação não negligenciável de identidades de género não binárias e mais fluídas, o que vai ao encontro dos resultados de pesquisas similares que têm vindo a ser efetuadas noutros países¹⁰.

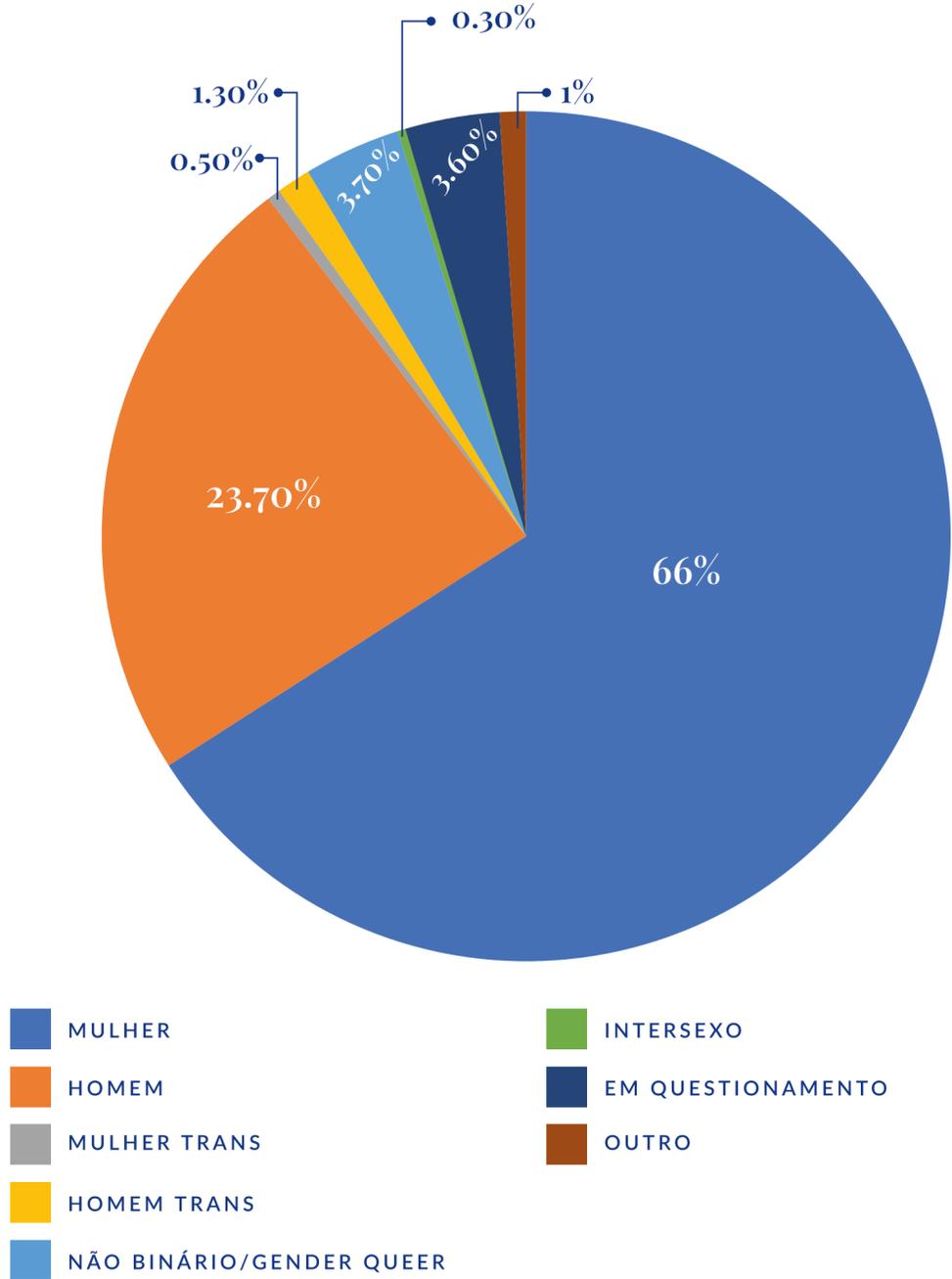


FIGURA 1 - IDENTIDADE DE GÉNERO DOS/DAS PARTICIPANTES

Em termos de **orientação sexual**, ligeiramente mais de metade dos/das participantes (55.2%) identificou-se como heterossexual e os/as restantes 44.8% com uma outra orientação não heterossexual (Figura 2).

Destas últimas pessoas, um pouco mais de um terço identificou-se como bissexual (36%), cerca de um quinto identificou-se como gay ou lésbica (19.2%) ou como alguém em questionamento da sua orientação sexual (18.7%). A restante amostra era constituída por estudantes que se identificaram como pansexuais (13.1%), queer (5.5%), assexuais (3.1%) ou com uma outra orientação sexual (4.7%).

Também a forma como as pessoas se identificaram em termos da sua orientação sexual vai ao encontro da investigação que aponta para um número crescente de orientações plurissexuais (pessoas bissexuais e pansexuais) em detrimento das orientações lésbicas/gays, principalmente junto de faixas etárias mais jovens¹⁰.

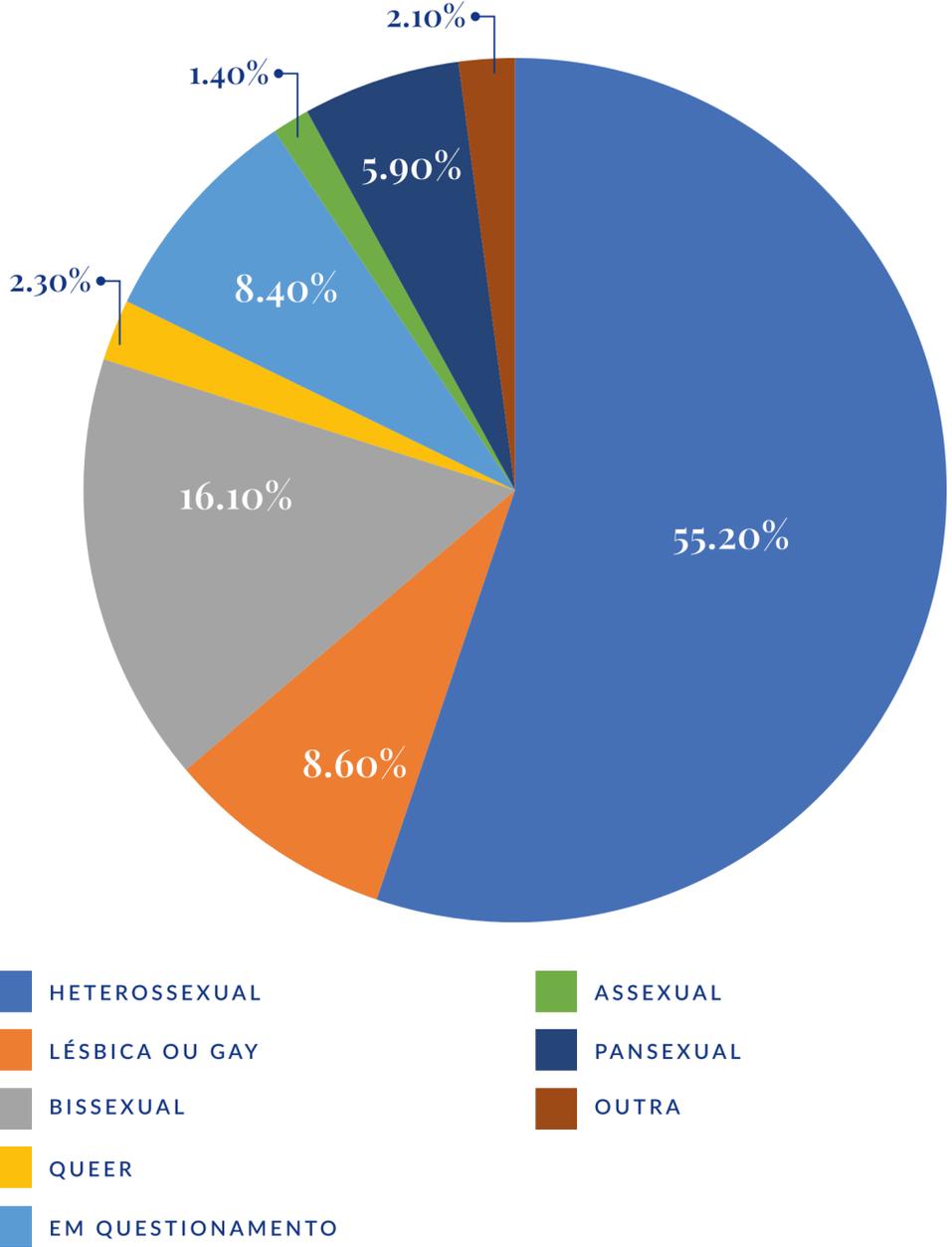


FIGURA 2 - ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS/DAS PARTICIPANTES

Resultados

Em seguida apresenta-se uma seleção de dados sobre um conjunto de temáticas inquiridas, nomeadamente sobre episódios e tipos de *bullying* e outro tipo de discriminação em contexto escolar, sobre as experiências específicas de jovens que se identificam como trans, sobre a visibilidade das identidades minoritárias nas comunidades escolares, sobre atitudes de pares e das famílias perante estas temáticas, e ainda alguns dados sobre tentativas de conversão da orientação sexual e identidade de género.

1. Bullying em contexto escolar

As situações de assédio ou *bullying* são ocorrências comuns em contexto escolar e podem ser motivadas pelo preconceito e por estereótipos negativos. Por situações de **assédio** entendem-se episódios pontuais, que podem envolver violência física ou verbal, com maior ou menor impacto psicológico. Por seu turno, um cenário de **bullying** pressupõe episódios repetidos de agressões físicas ou verbais dirigidas à vítima, sendo comum estarem presentes vários/as agressores/as, ou *bullies*, e testemunhas passivas ou *bystanders*¹¹.

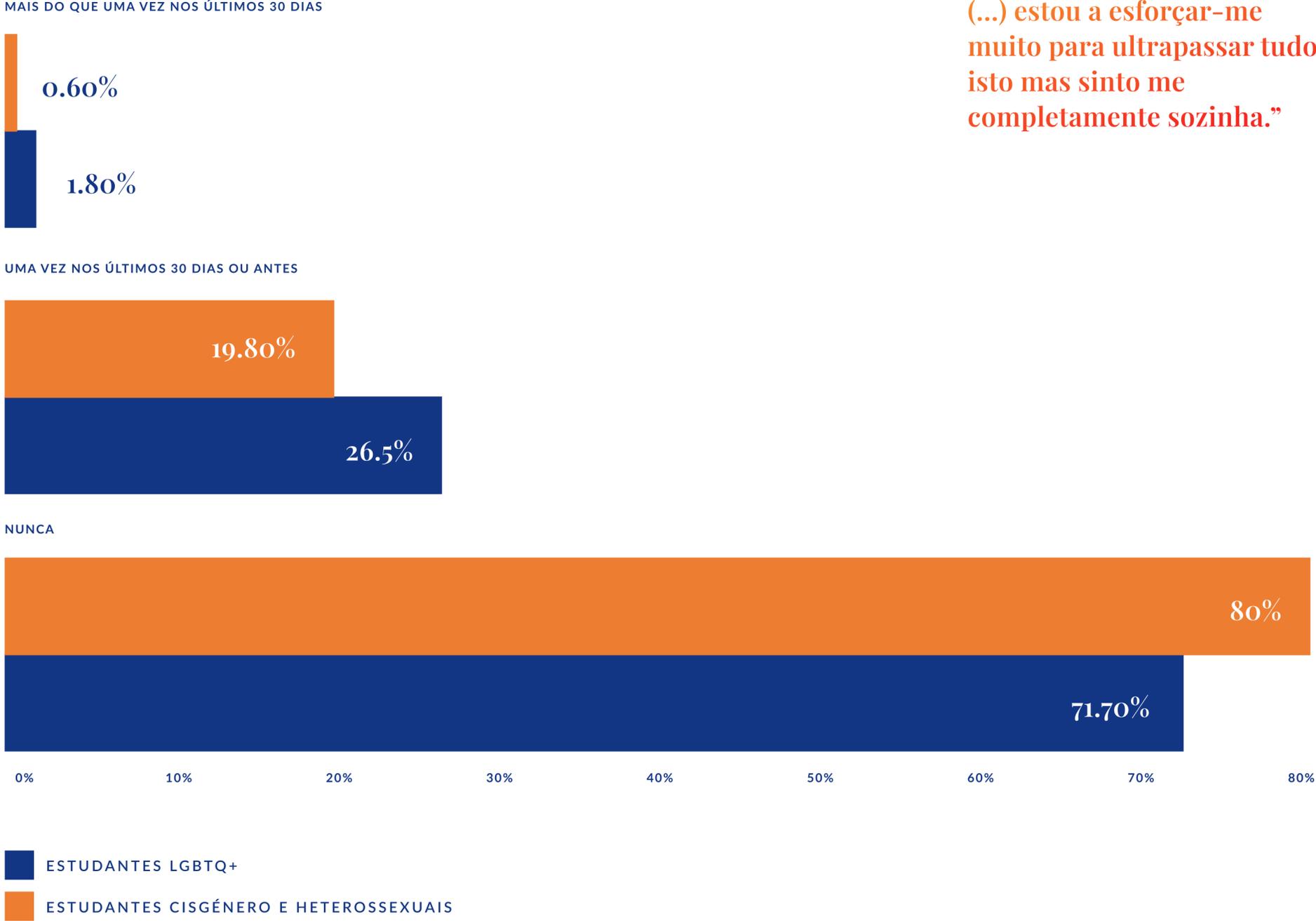
“Todo o meu ano escolar foi horrível (...) a minha diretora da altura sabia do que se tinha passado e recusou-se a ajudar-me, aliás ainda ajudou os outros excluírem-me ainda mais”

1. Bullying em contexto escolar

1.1. Bullying em função da orientação sexual e da identidade de género

Os dados revelaram que **jovens LGBTQ+ são vítimas de bullying com mais frequência do que jovens cisgénero e heterossexuais**. Isso significa que reportaram terem sido mais vezes vítimas de assédio ou de insultos, terem boatos e mentiras espalhados sobre si, serem posto/as de parte ou ignorados/as deliberadamente, serem alvo de empurrões ou outras agressões físicas, alvo de ameaça e de comentários, piadas ou gestos de natureza sexual, e ainda serem alvo de roubo ou danificação de bens pessoais¹².

Foram 71.7% os/as estudantes LGBTQ+ que reportaram nunca terem sido vítimas de bullying, contra 80% no caso dos/das seus/suas colegas. Um pouco mais de um quarto (26.5%) respondeu que tal ocorreu pelo menos uma vez ou nos últimos 30 dias ou antes disso, contra cerca de um quinto (19,8%) no caso de serem estudantes cisgénero e heterossexuais. A percentagem de estudantes LGBQ+ que reportou ter sido vítima de bullying mais do que uma vez nos últimos 30 dias é três vezes superior à de estudantes não LGBTQ+: 1.8% e 0.6%, respetivamente (Figura 3).



“(...) os meus colegas estragaram-me a vida e são muito mais felizes que eu (...) estou a esforçar-me muito para ultrapassar tudo isto mas sinto-me completamente sozinha.”

FIGURA 3 - VITIMIZAÇÃO POR BULLYING, MEDIDA ATRAVÉS DA CALIFORNIA BULLYING VICTIMIZATION SCALE (FELIX, SHARKEY, GREEN, FURLONG, & TANIGAWA, 2011)

1. Bullying em contexto escolar

1.2. Cyberbullying em função da orientação sexual e da identidade de género

Da mesma forma, os/as **estudantes LGBTQ+** são **mais frequentemente alvo de cyberbullying** do que os/as seus/suas colegas, o que pode ter incluído: alguém lhes ter chamado nomes, ter dito coisas maldosas, espalhado boatos, enviado ameaças, através de SMS ou online; ter a conta pessoal violada e informações pessoais roubadas, usando essa conta ou criado uma conta falsa em redes sociais fingindo ser a vítima; alguém ter postado informação pessoal sobre si ou postado vídeos ou fotografias íntimas suas online; ser excluído/a ou ignorado/a de grupos online ou redes sociais; ou ainda ser alvo de comentários maldosos sobre a sua orientação sexual ou identidade de género¹³. Apenas 19% dos/as estudantes LGBTQ+ afirmaram nunca ter sido vítimas de um destes episódios, em comparação com 35% dos/das seus/suas pares cisgénero e heterossexuais. Embora a percentagem de estudantes que responderam que raramente ou menos tenham passado por esta situação (69.5% para LGBTQ+ e 64.6% para restantes), cerca de um/a em cada dez (11.5%) dos/as estudantes LGBTQ+ afirmou que já a vivenciou algumas vezes, contra apenas 0.45 dos/das seus/suas colegas (Figura 4).

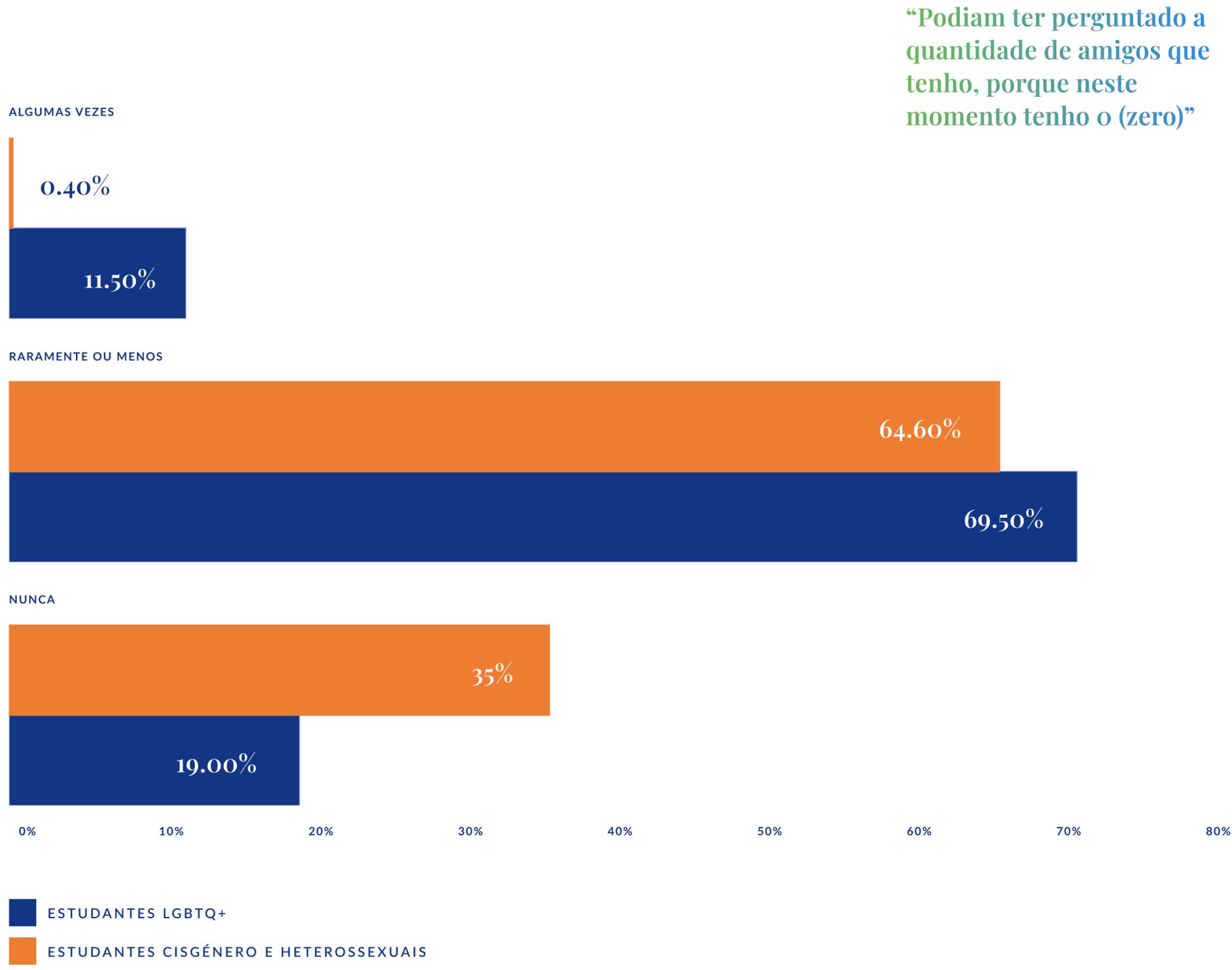


FIGURA 4 - FREQUÊNCIA DE VITIMIZAÇÃO POR CYBERBULLYING, MEDIDA ATRAVÉS DO EUROPEAN CYBERBULLYING INTERVENTION PROJECT QUESTIONNAIRE (DEL REY ET AL., 2015)

1. Bullying em contexto escolar

1.3. Motivos invocados para o bullying

São várias as motivações identificadas para os episódios de assédio ou *bullying*. A mais frequente entre todas é a do assédio ou *bullying* relacionado com a aparência física (por exemplo, o peso ou a altura), imediatamente seguida por episódios motivados por não se ser tão “masculino” como os outros rapazes ou tão “feminina” como as outras raparigas. O terceiro motivo mais frequente apontado é o género (ser homem ou mulher), o que comprova que a discriminação de género continua a estar presente. O assédio ou *bullying* motivado por se ser lésbica, gay, bissexual ou queer encontra-se também entre os mais frequentes. Seguem-se os episódios motivados pela incapacidade física ou mental, a situação económica, e a religião. O assédio ou *bullying* motivado por se ser transgénero é o apontado como menos frequente, talvez dada a pouca visibilidade desta temática nas comunidades escolares (Figura 5).

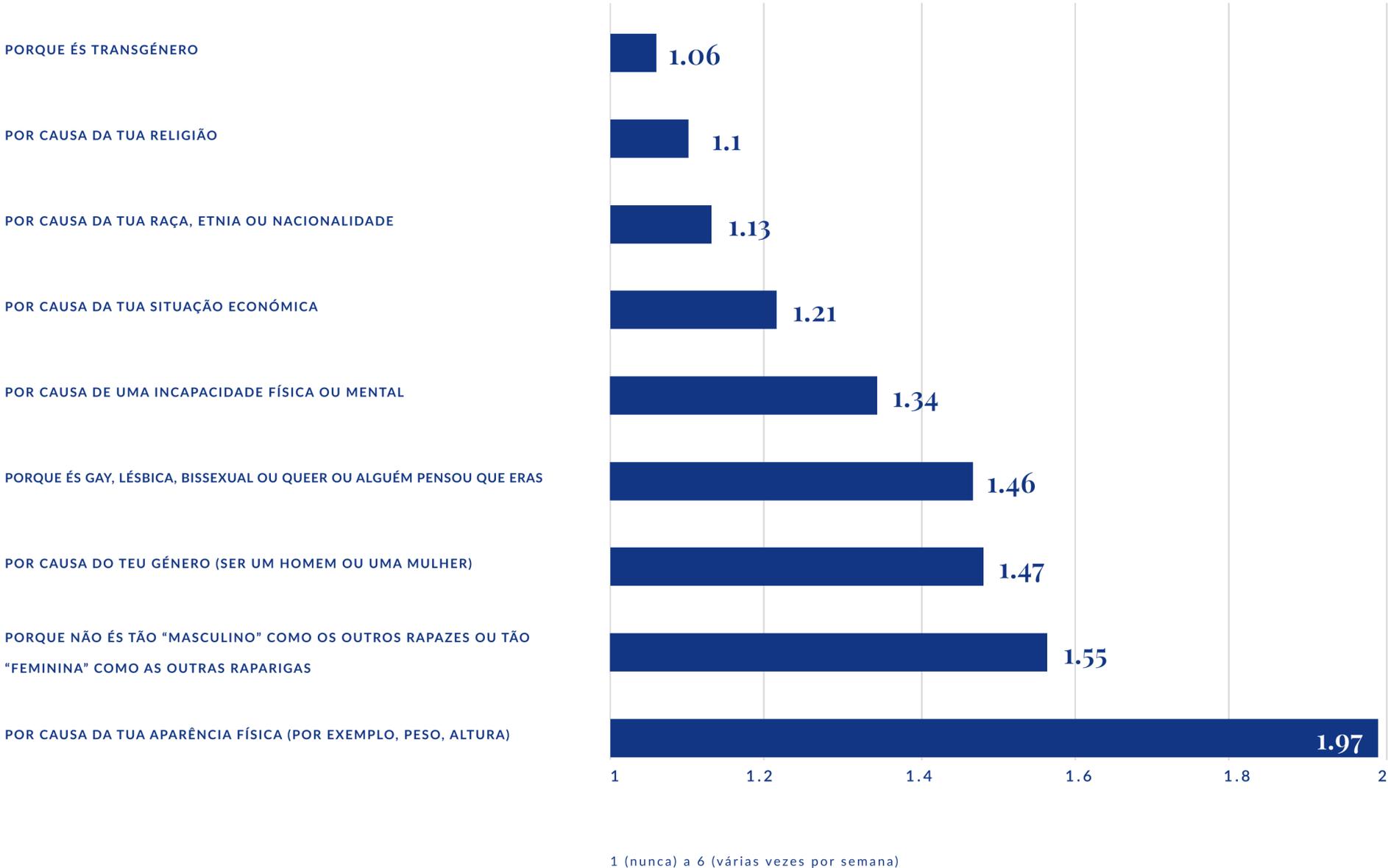


FIGURA 5 -MOTIVO DO ASSÉDIO OU BULLYING NOS ÚLTIMOS 30 DIAS

1. Bullying em contexto escolar

1.4. Locais da escola onde ocorrem as situações de bullying

Mais de metade dos/as participantes (57.1%) referiram que as situações de assédio ou bullying ocorrem nos **corredores da escola** (Figura 6). Significativamente, cerca de 4 em cada 10 estudantes (39.2%) também referiu que estas situações ocorrem dentro das salas de aula, e cerca de um terço (32.8%) assinalou o polivalente ou campo desportivo. Com menor frequência, foram referidos outros espaços onde a supervisão de pessoas adultas é potencialmente mais reduzida, tais como no percurso entre a casa e a escola (21.7%), nas casas de banho ou balneários (18.9%), na cantina ou bar da escola (16.8%), noutros locais (10.5%) e ainda no autocarro escolar ou público (9.9%).

“(…) já sofri discriminação por parte de uma funcionária devido à minha roupa, os professores não abordam estes temas”

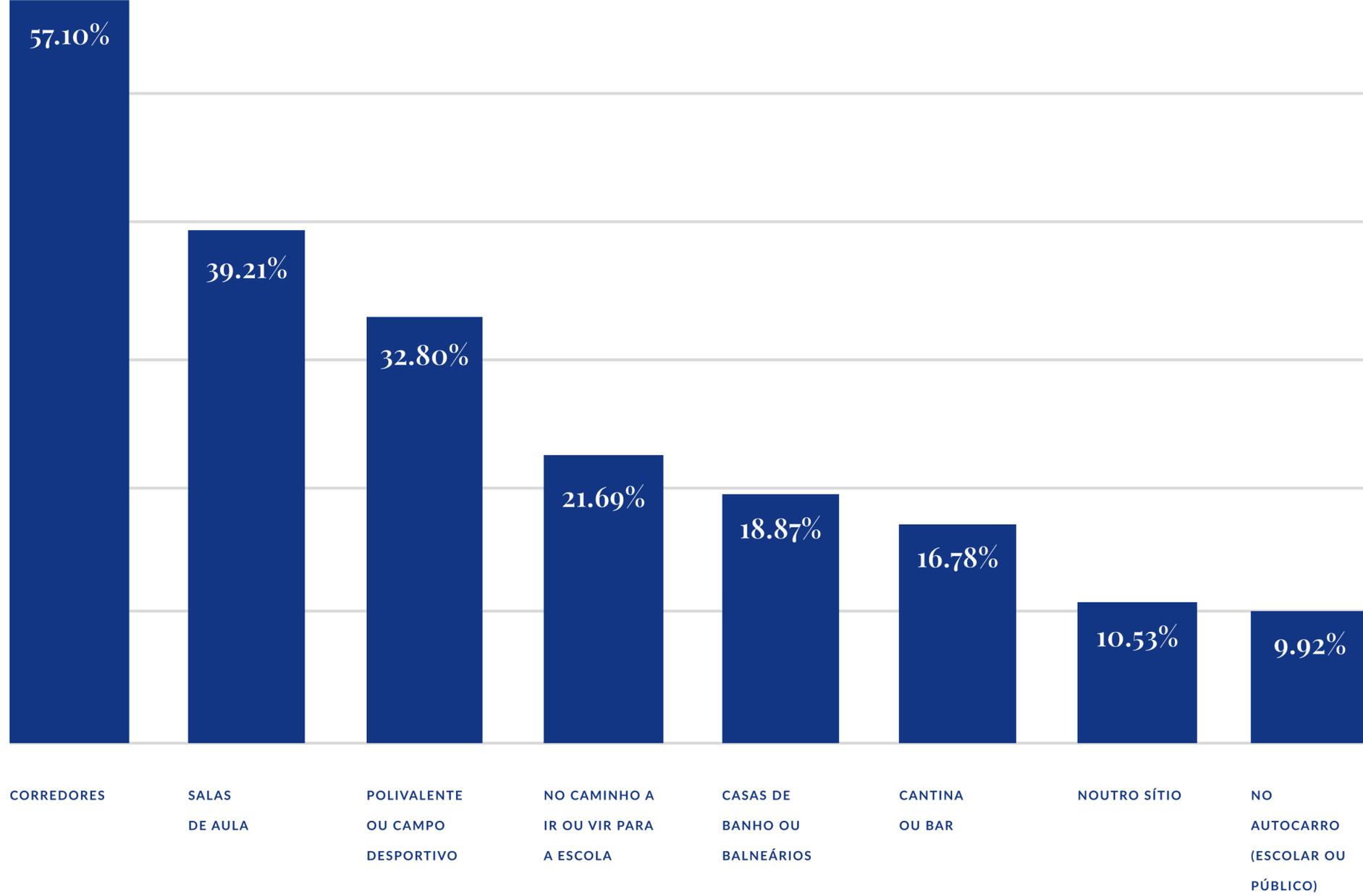


FIGURA 6 - LOCAIS ONDE OCORREM SITUAÇÕES DE ASSÉDIO OU BULLYING

1. Bullying em contexto escolar

1.5. Reações ao bullying

Perante uma situação de *bullying* ocorrida nos dois meses anteriores, são várias as reações e estratégias adotadas pelas vítimas. As mais comuns são estratégias que podemos classificar como de **evitamento** (51.3%), tais como não fazer nada, fingir que não se incomodaram com a situação, afastarem-se ou dizer para si próprio/a que a culpa não era sua. Menos frequentes, mas também comuns são as estratégias de **procura de apoio** (12.7%), tais como contar o que aconteceu a uma pessoa amiga ou a uma pessoa adulta na escola ou em casa. Uma parte das estratégias são do tipo **assertivo** (9%): pedir a quem está a agredir para parar, dizer como se sentia no momento, ou ainda fazer uma piada sobre a situação. Finalmente, também referidas, mas com menor frequência, são algumas estratégias que constituem respostas de **agressividade** (3.6%), nomeadamente planejar vingar-se, ou bater e lutar com o/a agressor/a. Uma parte bastante significativa das vítimas (23.7%) refere ter já adotado **estratégias mistas** perante situações de assédio ou *bullying* (figura 7). Ao questionar se como resultado da adoção destas estratégias a situação havia melhorado, piorado ou mantido, as opiniões divergiram. Cerca de metade dos/das participantes (47.2%) que referiu ter

adotado estratégias de evitamento afirmou que nada mudou. A mesma opinião é partilhada por uma proporção ligeiramente superior (54.6%) de participantes que adotaram estratégias agressivas. Por seu turno, um pouco mais de metade (53.3%) de quem procurou apoio referiu que a situação melhorou, o mesmo se verificando com quase metade (44.7%) de quem adotou estratégias do tipo assertivo. Estes dados parecem indicar que com frequência as vítimas optam por gerir de forma autónoma a situação de bullying ou assédio, revelando não reconhecer na escola a capacidade para levar a sério a situação ou de a resolver de forma eficaz. Por outro lado, estes dados tornam mais clara a necessidade de promover escolas visivelmente mais inclusivas e capazes de reconhecer e lidar com pedidos de apoio deste tipo.

“(…) odeio ter depressão e ansiedade social, ninguém consegue compreender o que eu sinto diariamente, sinto-me sozinha, num vazio, sem ninguém. Tenho-me sentido muito ansiosa, stressada, nervosa!”

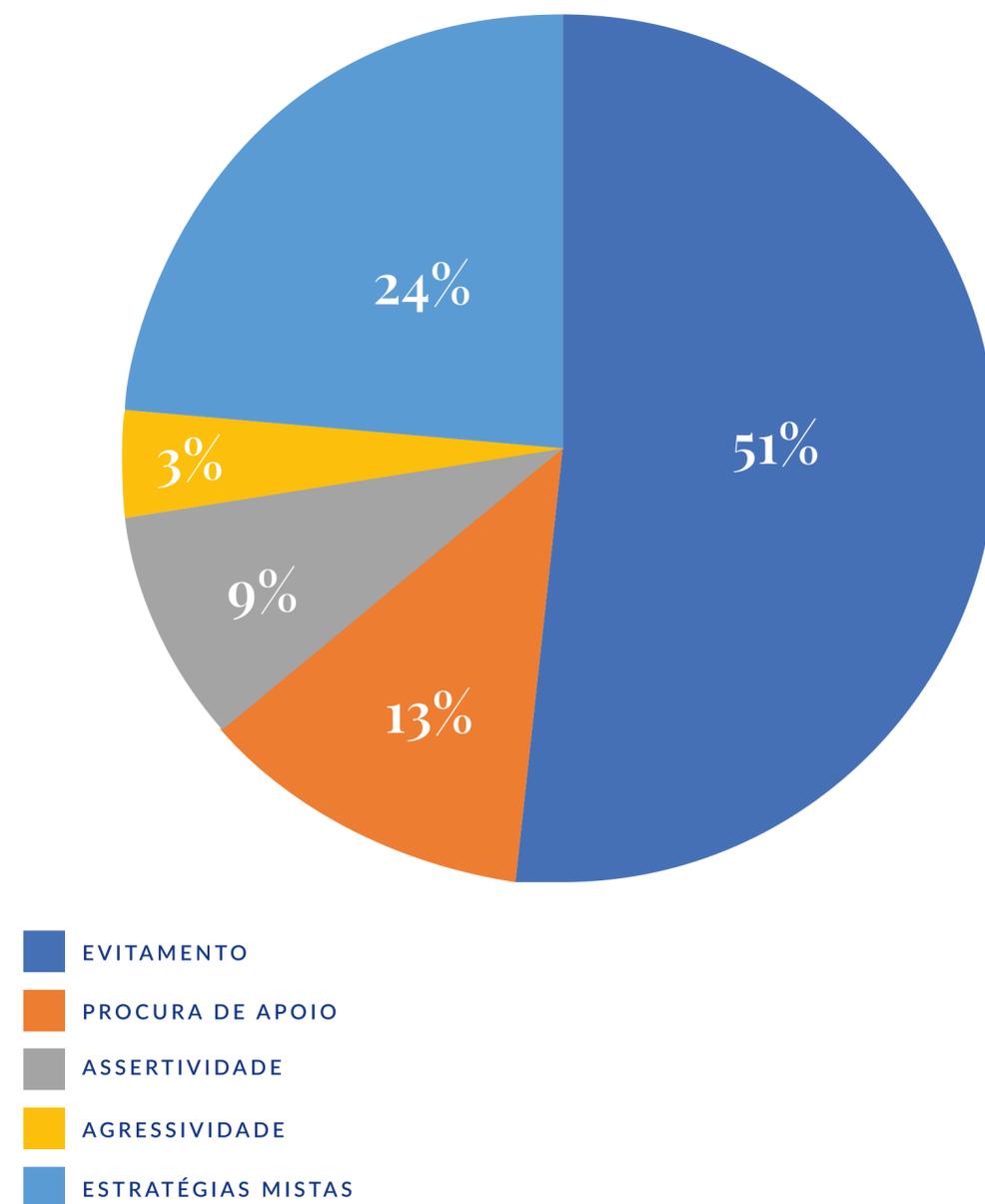


FIGURA 7 - TIPO DE REAÇÕES AO BULLYING, MEDIDA ATRAVÉS DA ESCALA REACTION TO BULLYING VICTIMIZATION (HARTLEY, BAUMAN, NIXON, & DAVIS, 2017)

2. Experiências de jovens trans, com identidades não binárias, queer ou em questionamento

Apesar de se tratar de uma realidade menos conhecida, sabe-se que **estudantes que se identificam como trans, que adotam uma identidade de género não binária ou queer**, ou ainda que referem estar em processo de questionamento da sua identidade de género, encontram-se frequentemente perante desafios acrescidos em contextos que lhes são adversos, e que colocam com frequência esta população numa situação de vulnerabilidade acrescida .

Num recente levantamento da Agência para os Direitos Fundamentais da União Europeia, mais de metade das pessoas trans admitiram terem sido ridicularizadas, assediadas, insultadas, ou ameaçadas por causa da sua identidade ou expressão de género na escola¹⁵.

Neste estudo, verificou-se que este grupo de estudantes reportou em média ser vítima de assédio ou bullying por causa da sua identidade de género, real ou percebida, mais frequentemente do que o grupo de estudantes cisgénero (Figura 8)¹⁶.

Para além do bullying existem experiências específicas relacionadas com estudantes com

“(…) a minha ansiedade de ser “spotted” continua não importa o quanto já tenha mudado fisicamente.”

uma identidade de género minoritária que importa conhecer melhor. As questões de segurança na escola e o respeito pelo **nome social**, ou seja, o nome adotado e que geralmente difere do nome que consta dos documentos oficiais de identificação, são questões assinaladas com frequência por jovens que se identificam como trans. Quase metade destes/as jovens (45%) referiu não sentir segurança no uso de vestiários de ginásio ou casas de banho na escola. No que diz respeito ao nome social, referem que apenas um terço (34.6%) dos/das colegas da turma ou colegas de outras turmas respeitam o nome adotado, mas essa proporção aumenta para seis em cada dez (61.5%) quando se trata de amigos/as. Por seu turno, em quase metade das situações (46.2%), estes/as jovens referem não conseguir que os/as docentes utilizem o nome que escolheram.

“(…) alguns professores recusam-se a tratar as pessoas pelos pronomes”

“(…) não gosto de ser transgénero... mas também não quero que me vejam do sexo masculino”

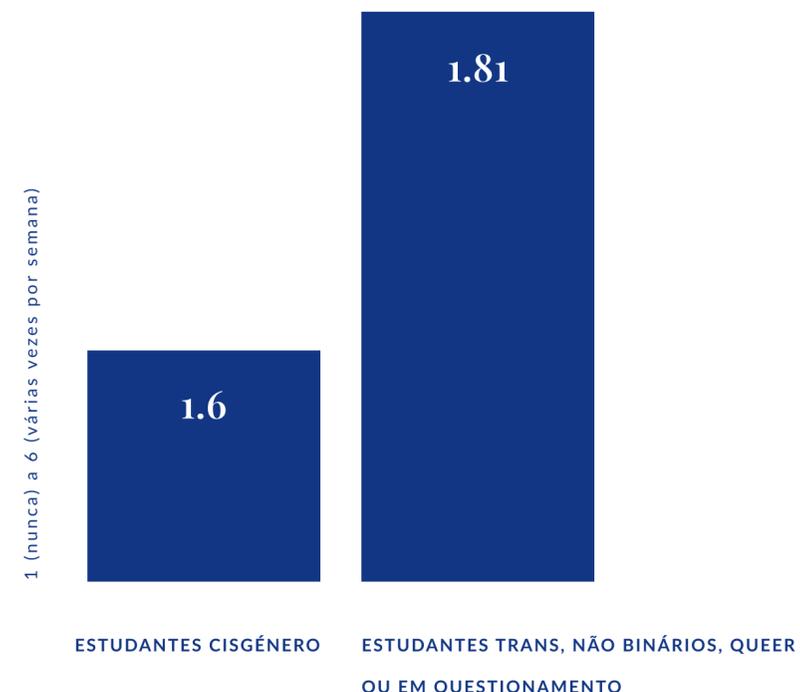


FIGURA 8 - VITIMIZAÇÃO POR ASSÉDIO OU BULLYING EM FUNÇÃO DA IDENTIDADE DE GÉNERO

3. Visibilidade na escola

Como resultado de um clima social adverso, com manifestações de discriminação mais ou menos explícitas, muitas pessoas LGBTQ+ optam por não revelar a sua identidade em vários contextos. Essa invisibilidade afeta negativamente o seu bem-estar e saúde mental. Neste estudo, quando se perguntou apenas ao grupo de estudantes que se identificaram como LGBTQ+ quantos/as amigos/as sabiam acerca da sua identidade, quatro em cada dez (43.8%) afirmaram que todos/as sabiam, mas cerca de um quarto (27.4%) afirmou que apenas alguns/algumas ou nenhum/a sabia. À pergunta “a quantas das seguintes pessoas disseste que és LGBTQ+?”, 13% afirmou que tinha dito a toda a turma, mas apenas 4.8% admitiu ter dito a todos/as os/as estudantes doutras turmas, e só 1.8% disse a todos/as os/as professores/as e funcionários/as (Figura 9). Por outro lado, 13% dos/as estudantes admitiram saber de algum/a **professor/a ou funcionário/a** da escola que se identifica abertamente como homem gay, bissexual ou queer, e 10% sabe de alguém que se identifica

como mulher lésbica, bissexual ou queer. A percentagem de estudantes LGBTQ+ que conhecem professores/as ou funcionários/as que se identificam abertamente como mulheres trans é de apenas 1.7% e 1.3% no caso de homens trans.

“(…) Gostava de ter mais representação e menos ódio por parte dos outros.”

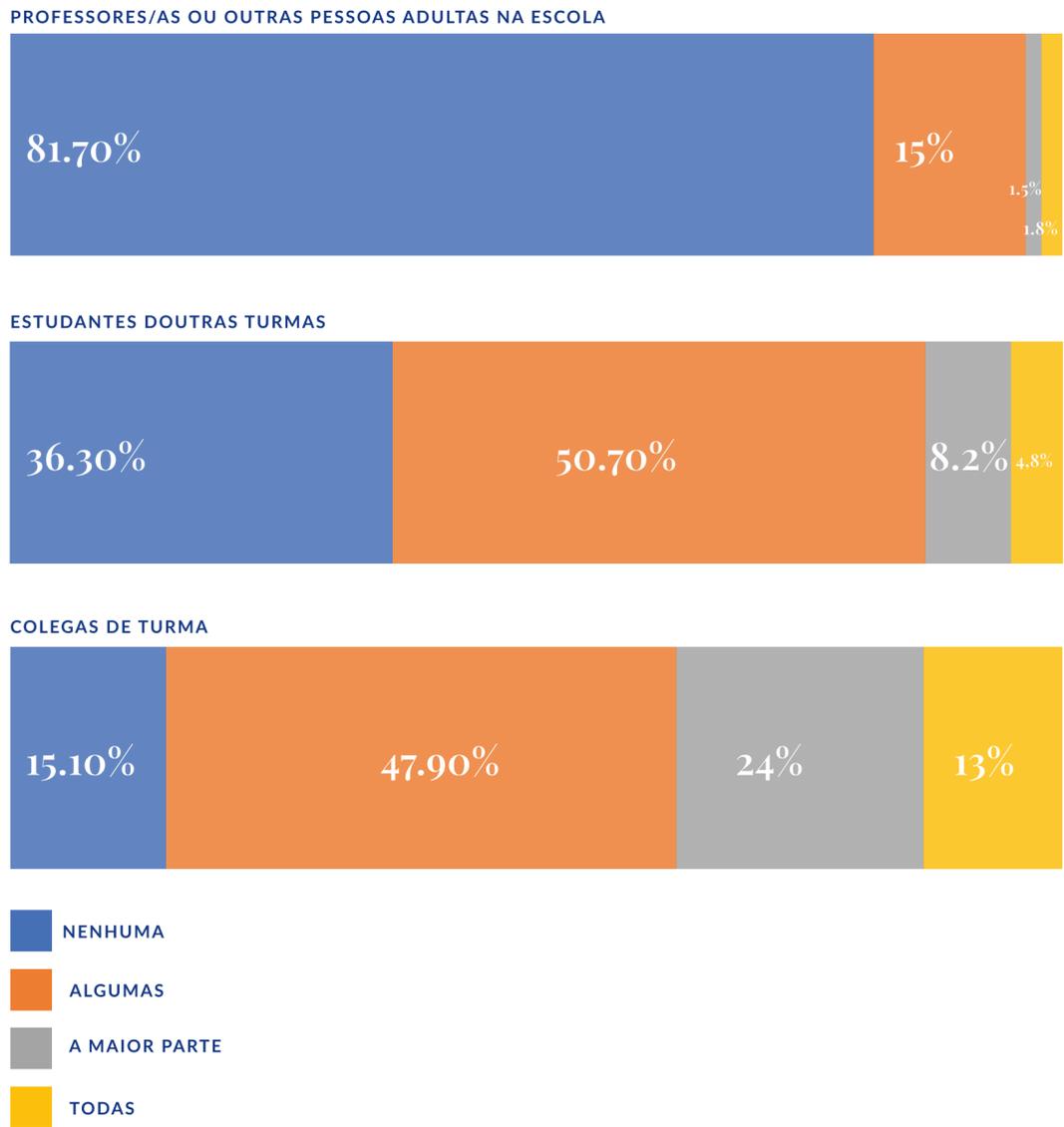


FIGURA 9 - “A QUANTAS DAS SEGUINTE PESSOAS DISSESTE QUE ERAS LGBTQ+?”

4. Práticas inclusivas nas escolas

Com o objetivo de tentar identificar práticas inclusivas das temáticas LGBTQ+ em contexto escolar, foram inquiridas algumas dimensões relacionadas com **informação e sensibilização** disponíveis sobre diversidade em função da orientação sexual, identidade e expressão de género, e características sexuais em contexto escolar. Da mesma forma, também foram incluídas questões acerca de medidas de **prevenção do bullying homofóbico e transfóbico**.

Quatro em cada dez estudantes (40.6%) declararam que na sua escola nunca foram abordados tópicos relacionados com pessoas lésbicas, gays e bissexuais e assuntos relacionados, e um pouco mais de metade dos/as estudantes (54.2%) afirmou que nunca haviam sido abordados assuntos relacionados com pessoas trans. Por seu turno, seis em cada dez (60.1%) afirmou também nunca ter aprendido algo sobre bullying homofóbico e transfóbico ou sobre aceitação da população LGBTQ+. Quando isso aconteceu, foi sobretudo em contexto de uma aula com um/a docente (31.5%) ou por via

de um programa de prevenção escolar (28.1%). Outras formas de contacto com estes conteúdos referidas foram através do diálogo ou partilha com colegas (15%), numa aula com uma pessoa convidada (10.9%), e em algumas situações através de uma reunião geral da escola (2.9%). Cerca de um/a em cada dez estudantes (11.6%) referiu outras fontes de aprendizagem fora da escola, tais como amigos/as, familiares ou redes sociais (Figura 10).

(...) a psicóloga que nos forneceu uma palestra sobre educação sexual não abordou relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, nem as diferentes orientações sexuais, nem as diferentes identidades de género (...)

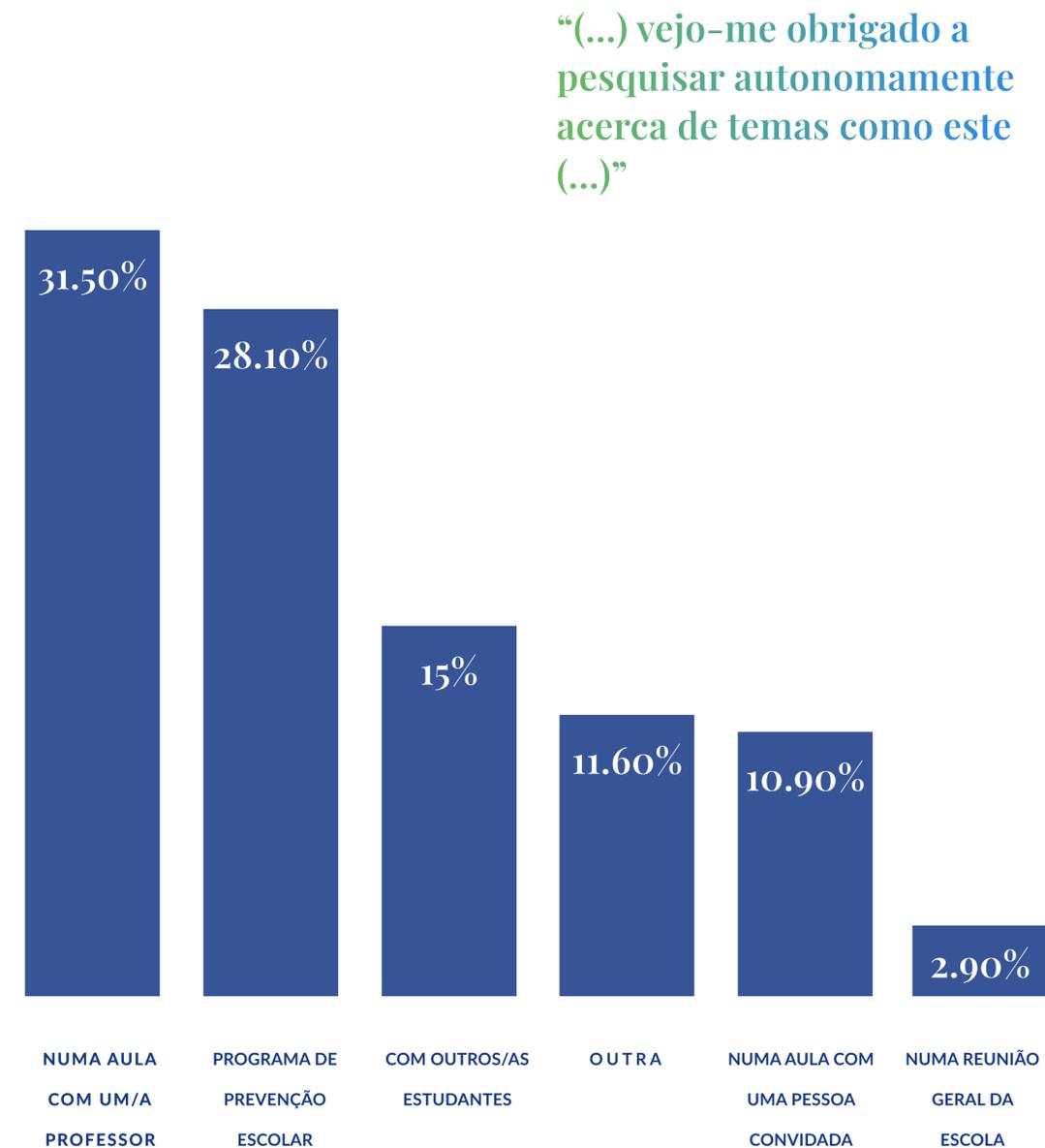


FIGURA 10 - FONTES DE APRENDIZAGEM SOBRE BULLYING HOMOFÓBICO E TRANSFÓBICO OU ACEITAÇÃO DA POPULAÇÃO LGBTQ+

4. Práticas inclusivas nas escolas

Apesar de cerca de metade (49.5%) dos/as estudantes considerar que as questões relacionadas com identidade de género (falar sobre estudantes trans, ou expressões de género não normativas) foram abordadas de forma positiva, estes temas não foram incluídos em cerca de um quarto (26.3%) destas ações de prevenção do bullying contra pessoas LGBTQ+. Desde 2009, a lei nº9/2009 estipula disposições para a realização de **educação sexual em contexto escolar**¹⁸. Nesse documento está prevista a inclusão de informação acerca da existência de orientações sexuais não heterossexuais. Contudo, quando questionados/as acerca de atividades de educação sexual na sua escola, mais de metade dos/as estudantes (56,3%) referiu que elas não incluíram qualquer informação acerca da existência de diferentes orientações sexuais (por exemplo, lésbica, gay, bissexual, etc.).

Através das suas atitudes, intervenções e abordagens, o corpo docente e o pessoal não docente na escola representam um fator determinante na perceção do clima escolar,

nomeadamente no que diz respeito à aceitação e inclusão da diversidade sexual e de género. Neste estudo, a perceção da aceitação dos/as docentes relativamente a estudantes de minorias sexuais e de género é frequentemente considerada entre nula a moderada: foi desta forma que aproximadamente um quarto dos/das estudantes classificou a aceitação de docentes relativamente a estudantes com uma expressão de género menos masculina do que o esperado (24.3%) ou relativamente a estudantes percebidos como gays ou bissexuais (23.3%); a aceitação dos/das docentes também foi considerada por cerca de quinto da amostra como nula a moderada relativamente a estudantes menos femininas do que esperado (19.7%), ou estudantes percebidas como lésbicas ou bissexuais (21.2%). Adicionalmente, segundo cerca de metade dos/as inquiridos/as (50.9%), o pessoal docente e não docente da escola intervém apenas ocasionalmente ou menos vezes do que o normal em situações de bullying dirigido a jovens LGBTQ+ (Figura 11).

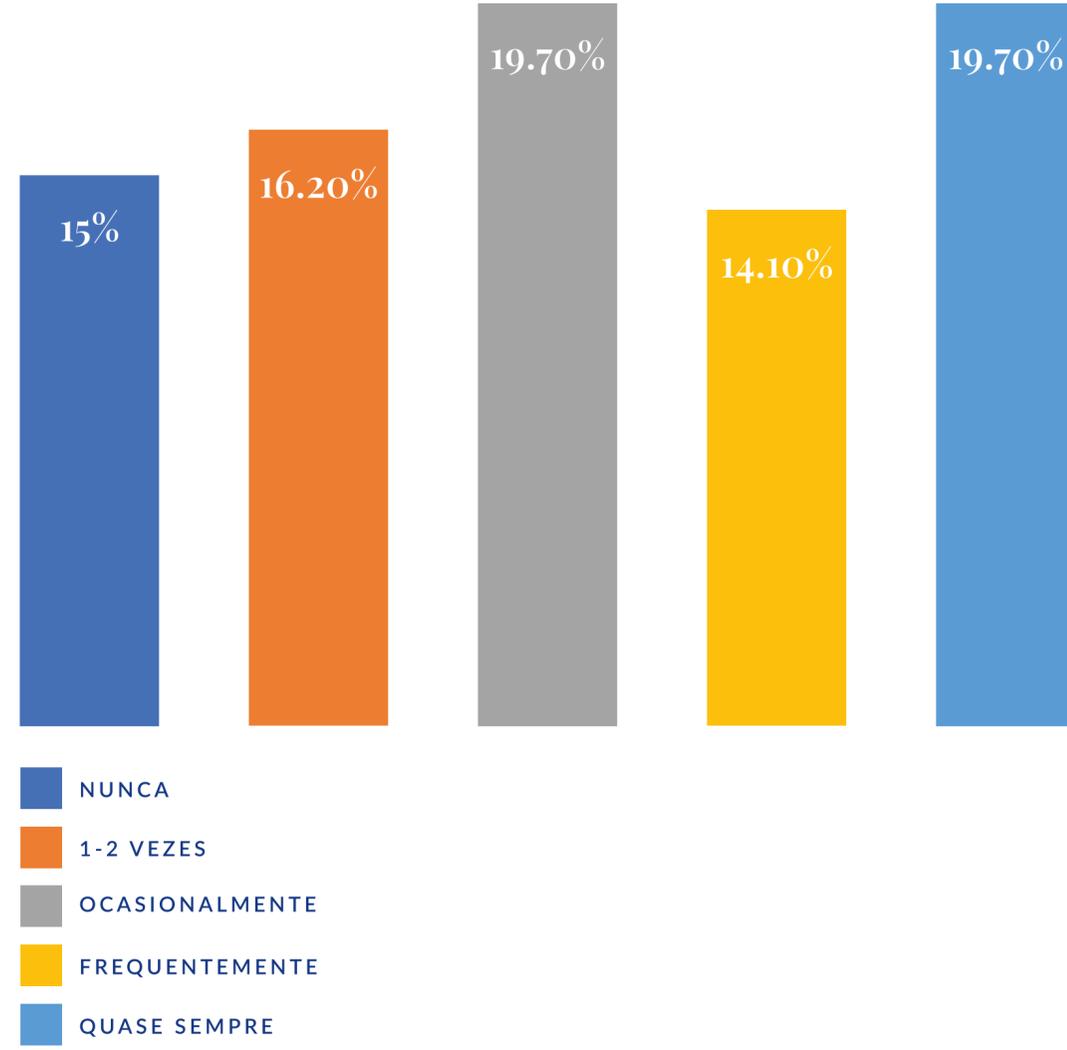


FIGURA 11 - FREQUÊNCIA COM QUE PROFESSORES/AS OU FUNCIONÁRIOS INTERVÉM QUANDO PRESENCIAM SITUAÇÕES DE BULLYING CONTRA ESTUDANTES LGBTQ+

4. Práticas inclusivas nas escolas

Por seu turno, quando se perguntou sobre a eficácia das intervenções, quase metade dos/as estudantes (47.4%) referiram que os/as professores/as ou funcionários/as escolares são pouco ou nada eficazes na resolução destes problemas (Figura 12).

Em média, os/as estudantes LGBTQ+ pensaram em desistir ou declararam pretender desistir da escola mais vezes do que os/as seus/suas colegas não-LGBTQ+. Da mesma forma, são também os/as que faltam mais vezes às aulas (figura 13). Não obstante, essas diferenças não se parecem refletir no desempenho escolar, designadamente nas médias escolares, que são de 14.89 (em 20) no caso dos/das participantes LGBTQ+ e de 14.79 (em 20) para os/as participantes cisgénero e heterossexuais.

“(...) embora eu tenha uma média considerada alta, sinto-me sem vontade nenhuma de estudar.”

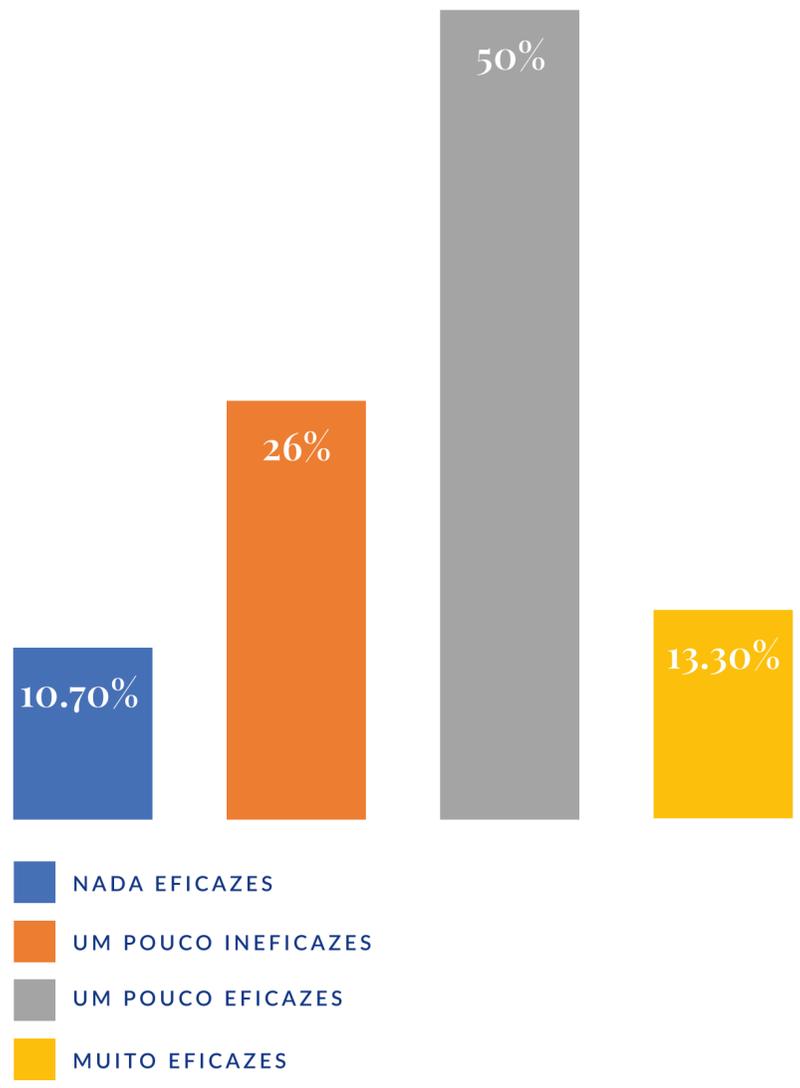


FIGURA 12 - QUÃO EFICAZES SÃO OS/AS PROFESSORES/AS OU FUNCIONÁRIOS/AS A RESOLVER SITUAÇÕES DE BULLYING CONTRA ESTUDANTES LGBTQ+

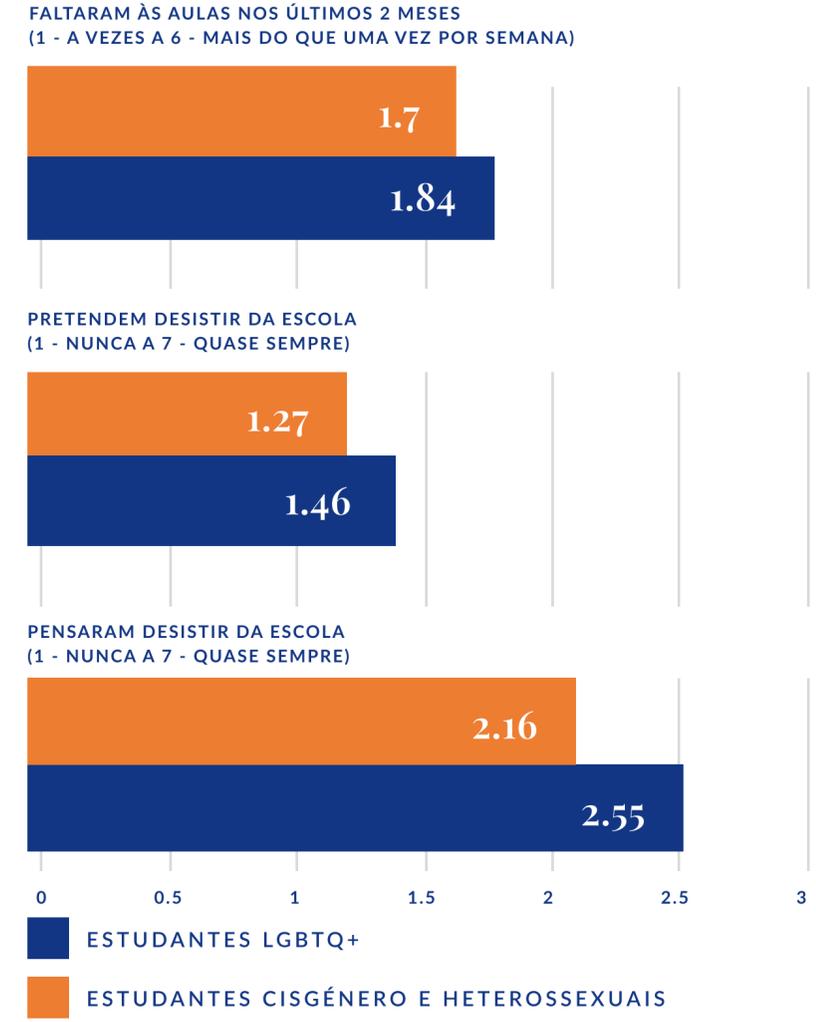


FIGURA 13 - ABSENTISMO E DESISTÊNCIA DA ESCOLA

5. Família e outras redes de apoio

As atitudes da família perante jovens com uma identidade sexual ou de género não normativa têm uma influência significativa no seu bem-estar, podendo atuar como fator protetor perante a discriminação, quando as atitudes são de apoio e afirmativas. Por outro lado, pode também funcionar como fator de risco, quando as atitudes dentro da família são negativas ou de rejeição aberta²⁰. Quando o **clima em contexto familiar** não é entendido como seguro, os/as jovens LGBTQ+ podem procurar adiar indefinidamente a revelação da sua identidade. Quando se perguntou aos/às estudantes LGBTQ+ quantas pessoas na família sabem da sua identidade, quatro em cada dez (38.1%) afirmou que nenhuma pessoa da sua família, e em metade das situações (50.5%), apenas algumas pessoas da sua família sabem. Por seu turno, quando se perguntou quantas pessoas da família aceitavam a sua identidade, apenas um em cada dez jovens (13%) admitiu que todas as pessoas da sua família aceitam, e quase na mesma proporção (9.7%) responderam que nenhuma pessoa da família aceita.

“Quando contei aos meus pais eles tiraram-me o meu telemóvel e o meu pai quase me bateu (...)”

Por outro lado, um/a em cada seis estudantes LGBTQ+ (18.7%) confessou que os seus pais ou outras pessoas adultas da família tinham usado nomes pejorativos ou infligido humilhação por causa da sua identidade, durante o ano anterior.

No caso dos/as jovens trans, a falta de apoio no contexto escolar torna-se particularmente difícil quando se sabe que nem sempre contam com o apoio das suas famílias na afirmação da sua identidade. Neste estudo, mais de metade dos/as participantes trans (53.8%) afirmaram que não conseguem ser tratados/as pelo nome que preferem em casa.

Quando comparado com o grupo de estudantes cisgénero e heterossexuais, os/as estudantes LGBTQ+ revelaram em média um grau de desconforto significativamente maior no contexto de confinamento com a família que caracterizou o período de recolha de dados, em virtude das medidas de prevenção da pandemia Covid 19 (Figura 14).

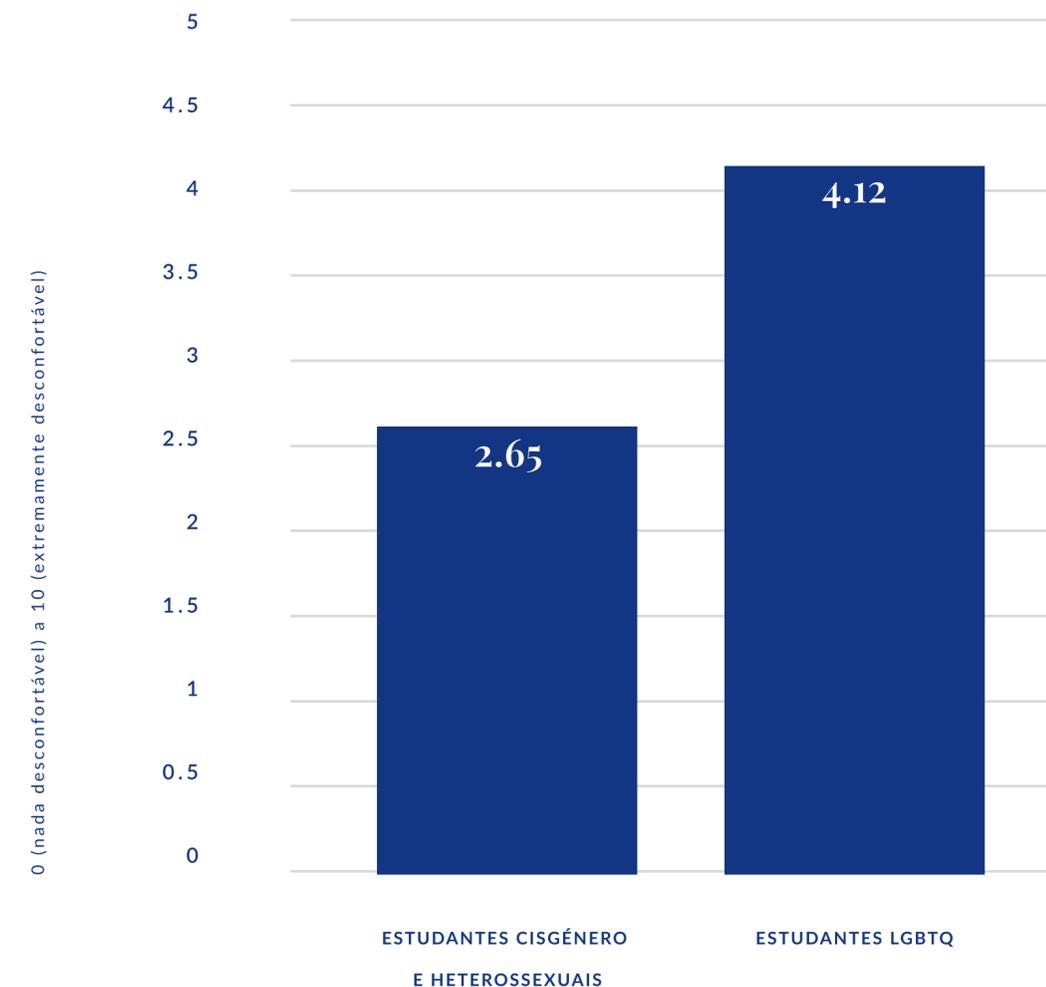


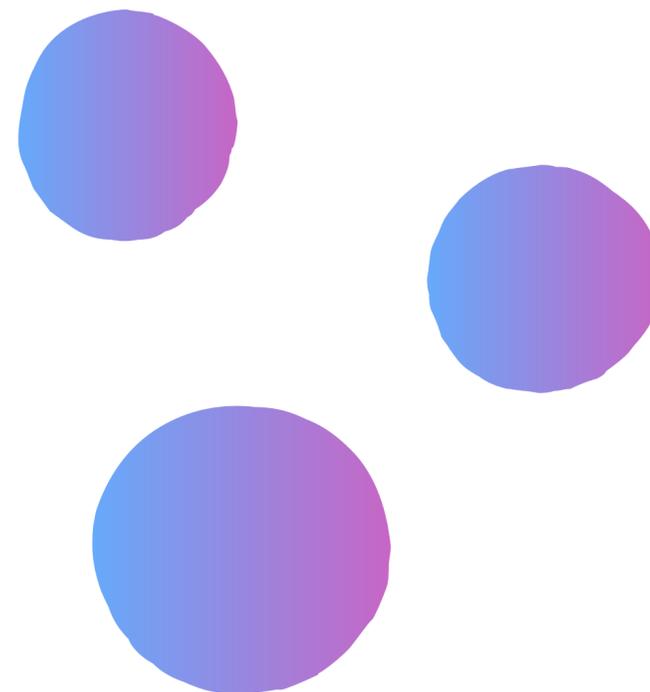
FIGURA 14 - GRAU DE DESCONFORTO COM A FAMÍLIA EM CONFINAMENTO

5. Família e outras redes de apoio

Na ausência de apoio eficaz no contexto escolar ou familiar, o contacto com a comunidade de pares através de recursos e serviços de organizações especializadas pode desempenhar um papel protetor. O estudo revelou que apenas um terço (33.3%) dos/das estudantes LGBTQ+ admitiu conhecer a existência de **grupos ou organizações LGBTQ+** para jovens na sua cidade ou na escola, e apenas cerca de um/a em cada dez (9.5%) afirma ter recorrido a uma organização deste tipo algumas vezes por mês ou por ano.

“Em casa ouço muitos comentários homofóbicos do meu padrasto (...) achasse superior a eles para além de ser homofóbico, ele é machista, ele odeia gays e desgosta de lésbicas”

“(…) Minha mãe me cobra muito (...) as coisas que ela diz me magoam muito, fazendo com que eu venha a pensar em cometer alguma coisa ruim comigo mesma.”



6. Tentativas de conversão da orientação sexual

O preconceito dirigido a identidades não normativas exprime-se por vezes na tentativa de forçar uma mudança da orientação sexual ou da identidade de género, de modo que estas estejam conformes às normas sociais hegemónicas. Não existe evidência científica que comprove a eficácia destas intervenções; mais, o seu impacto no bem-estar e saúde mental das pessoas LGBTQ+ é extremamente negativo. Atualmente, estes “tratamentos de conversão” são já proibidos em alguns países²². Em Portugal são expressamente desaconselhados pela Ordem dos Psicólogos Portugueses²³ e pela Ordem dos Médicos²⁴.

Do total de participantes que se identificaram como não heterossexuais (n = 672), 58 (8.6%) afirmaram já ter recebido pelo menos uma vez (e um máximo de 16 vezes, com uma média de 3 vezes por participante) um tratamento com o objetivo de mudar a sua orientação sexual, em alguns casos em mais do que um contexto. Deste grupo, 33 identificam-se como bissexuais, 12 como gays ou lésbicas, 10 como pansexuais e 3 como queer.

Relativamente à sua identidade de género, 35 são mulheres e 8 são homens cisgénero, 11 são pessoas não binárias ou gender queer, 2 são pessoas em questionamento, 1 é mulher trans e 1 pessoa intersexo.

Em algumas situações esses tratamentos foram conduzidos por líderes religiosos/as (15 casos), noutras por profissionais de saúde (8 casos). Nas restantes situações (44 casos) as tentativas de mudança da orientação sexual foram conduzidas por outras pessoas, maioritariamente identificadas como membros da família. Quem recebeu estes tratamentos tinha, em média, 13 anos de idade na altura em que eles ocorreram.

“Não me sinto confortável em pedir ajuda a um profissional, não me sinto confortável onde moro.”

Conclusões

A homofobia, a transfobia e o preconceito contra expressões de género entendidas como não normativas estão entre as motivações mais frequentes para incidentes de assédio e bullying nas escolas portuguesas. A população jovem LGBTQ+ é também vítima de cyberbullying com mais frequência do que a população cisgénero e heterossexual. Estes resultados confirmam as conclusões de outros estudos de diagnóstico do clima escolar realizados por instâncias internacionais, tais como a UNESCO, a IGLYO e a Agência para os Direitos Fundamentais da União Europeia, entre outras. Com frequência, **os incidentes de assédio e bullying homofóbico e transfóbico** ocorrem em espaços públicos dentro e fora das escolas, inclusivamente em contextos onde se pressupõe a presença de pessoal docente e não docente.

Como resultado de um clima escolar e familiar muitas vezes adverso, a principal estratégia para lidar com estes fenómenos é o **evitamento**.

Contudo, também é frequente a vítima procurar apoio junto de pessoas que percebe como seguras, sejam elas colegas, pessoal docente ou

não docente da escola, ou junto de familiares. **Para muitos/as jovens LGBTQ+, contudo, as escolas não são lidas como espaços seguros,** onde o repúdio por atitudes de assédio e *bullying* homofóbico e transfóbico seja claro, assim como o apoio explícito a todos/as os/as estudantes, independentemente da sua orientação sexual, identidade e expressão de género ou características sexuais. Como consequência, em muitas situações a **opção por não revelar a sua identidade** e a gestão da visibilidade apenas com pessoas consideradas de confiança, são estratégias adotadas para prevenir reações negativas. Adicionalmente, **os/as estudantes LGBTQ+ faltam mais vezes às aulas e pensam mais vezes em desistir do seu percurso escolar.** As escolas demonstram ser com frequência ambientes particularmente difíceis para **jovens com identidades e expressões de género não conformes à norma.** Este grupo reporta ser mais frequentemente alvo de situações de assédio e *bullying* do que os/as seus/suas pares cisgénero, e isso reflete-se num sentimento de insegurança

maior, particularmente em contextos específicos como balneários e casas de banho, onde as normas de género são frequentemente mais visíveis e restritivas. Em muitas situações, **o nome escolhido por estes/as jovens não é respeitado**, inclusivamente por pessoal docente e não docente. Por outro lado, apesar de existirem evidências de que algumas escolas estão já a introduzir conteúdos relacionados com as experiências e especificidades de pessoas LGBTQ+, nem sempre estas iniciativas incluem questões associadas à identidade e expressão de género.

As respostas do pessoal docente e não docente a situações de abuso, ou outros episódios de discriminação ou *bullying* com um carácter homofóbico ou transfóbico ou que tenham como alvo estudantes LGBTQ+, parecem ser insuficientes e denotar falta de preparação. Em muitas situações, abstêm-se de intervir ou intervêm de forma ineficaz. Por outro lado, a maioria das estruturas escolares ainda não adotou **políticas inclusivas que nomeiem de forma explícita e visível estas temáticas**, para

“Tenho muito medo de não alcançar os meus sonhos e de não ser feliz.”

Conclusões

além de iniciativas pontuais que ocorrem maioritariamente em contexto de sala de aula. Apesar do seu papel fundamental como pilar de suporte a jovens em idade escolar, **nem sempre as famílias aceitam e apoiam** crianças e jovens com identidades sexuais e de género não normativas. Em algumas situações demonstram mesmo ser um ambiente adverso e negativo, colocando em risco o desenvolvimento emocional e cognitivo destes/as jovens. Em alguns casos, a rejeição da identidade LGBTQ+ exprime-se pelo encaminhamento para **tratamentos de conversão** da orientação sexual. Esta situação poderá ser particularmente grave no caso de jovens que não têm um acesso facilitado a outros recursos de apoio, como associações LGBTQ+, grupos de jovens apoiantes, ou outros contextos de comunidade no seu contexto próximo. Os dados preliminares deste estudo permitiram um olhar atualizado da realidade vivenciada por jovens de minorias sexuais e de género e do clima escolar em termos de integração de temáticas relacionadas com a

diversidade em função da orientação sexual, identidade e expressão de género em Portugal. Os dados recolhidos revelam alguma fluidez e questionamento identitário para além das categorias tradicionais LGBTQ+. Tal vai de encontro a resultados de estudos internacionais e constitui um desafio não só à investigação, mas também à necessidade premente de atualização dos conteúdos curriculares e das abordagens pedagógicas com a população estudantil. Por outro lado, as evidências de políticas escolares de combate ao *bullying* homofóbico e transfóbico, tais como a integração de temas LGBTQ+ nas aulas e a intervenção de pessoal docente e não docente perante a discriminação, parecem ser insuficientes. Futuras pesquisas terão como objetivo compreender o impacto que este panorama poderá ter no desempenho escolar, sentimento de segurança e no bem-estar e saúde mental deste/as jovens.

“Uma opção interessante para as escolas seria a criação de grupos sociais onde os estudantes LGBTQ e apoiantes da liberdade de género.”

Recomendações

Tendo em consideração a análise destes dados preliminares, por um lado, e no intuito de contribuir para estratégias de intervenção e prevenção da discriminação e de promoção da integração positiva das temáticas relacionadas com a diversidade em função da orientação sexual e identidade de género nas escolas portuguesas, a equipa de investigação do projeto FREE elaborou um breve conjunto de recomendações:

- o reforço de **medidas que potenciem o combate à discriminação** em função da orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais (OIEC);
- o reforço e **monitorização da implementação** destas medidas nos contextos regionais e locais, designadamente nas comunidades escolares;
- a adoção de políticas e práticas educativas que incluam de forma explícita **temáticas relacionadas com OIEC**;

- a criação e implementação de **estratégias de sensibilização de pares** que potenciem o seu papel enquanto aliados/as;

- a promoção, junto das comunidades escolares e estudantes em particular, de estratégias de **prevenção de comportamentos abusivos**, e de capacitação para a adoção de estratégias assertivas em situações em que estes ocorrem;

- reforçar a **formação e sensibilização de pessoal docente e não docente** para as temáticas de OIEC;

- a sinalização junto dos agrupamentos escolares relativamente à prioridade de contribuir para **criar um clima escolar mais seguro e inclusivo** para jovens LGBTQ+, designadamente nos planos anuais de atividades;

- o fomento e facilitação de estruturas informais nas comunidades constituídas por jovens e apoiadas por docentes e pessoal não docente, com o formato de **clubes ou alianças**;

- a **inclusão de temáticas LGBTQ+ nos currículos e nos manuais escolares**, de modo a contrariar estereótipos redutores sobre género e sexualidade;

- alertar as comunidades escolares para a necessidade de **respeitar as especificidades das vivências de pessoas jovens trans ou não binárias**, designadamente no respeito pelos pronomes e nome social, assim como na articulação para um uso seguro de casas de banho e balneários, e no respeito pela identidade de género em todas as atividades curriculares e extracurriculares que envolvem divisão por género.

Serviços

ASSOCIAÇÃO AMPLOS

Associação de mães e pais pela liberdade de orientação sexual e identidade de género
<http://www.amplos.pt>;
e-mail: amplos.bo@gmail.com
Tel. Geral: 918820063
Tel. Porto: 913814884

ASSOCIAÇÃO ILGA PORTUGAL

Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo
<http://ilga-portugal.pt>;
E-mail: ilga-portugal@ilga.pt
CENTRO LGBT: R. dos Fanqueiros, 38 – 1100-231 LISBOA;
Linha LGBT: Linha telefónica de Apoio e Informação: 218 873 922
SAP – SERVIÇO DE ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO: sap@ilga-portugal.pt | 927 247 468
DEPARTAMENTO JURÍDICO: juridico@ilga-portugal.pt
SAV – SERVIÇO DE APOIO A VÍTIMAS LGBT: sav@ilga-portugal.pt

ASSOCIAÇÃO PLANO I

<http://www.associacaoplanoi.org/>;
e-mail: direcao@associacaoplanoi.org

CENTRO GIS - Centro de Respostas às populações LGBT: Rua de Brito Capelo, n.º 223 - loja 40; 4450-073 MATOSINHOS; <http://www.facebook.com/centrogis>; e-mail: gis@associacaoplanoi.org

CASA ARCO-ÍRIS - Casa de acolhimento de emergência para vítimas de violência doméstica LGBTI:

e-mail: casaarcoiris@associacaoplanoi.org

CASA QUI

Associação de Solidariedade Social
R. Ferreira de Castro; 1900-315 LISBOA
<https://www.casa-qui.pt/>;
e-mail: geral@casa-qui.pt
Tel: 960 081 111
Gabinete de Apoio à Vítima Juventude LGBTI: e-mail: gav@casa-qui.pt
Serviço de Psicologia: e-mail: psicologia@casa-qui.pt

CLUBE SAFO

Associação de Defesa dos Direitos das Lésbicas
<https://www.facebook.com/clubesafo/>
E-mail: clubesafo@clubesafo.com

CORES UNIVERS@S

<https://www.facebook.com/coresuniversas/>
E-mail: coresuniversas@fpce.uc.pt

IT GETS BETTER PORTUGAL

<http://itgetsbetter.pt/>
<https://www.facebook.com/Itgetsbetterpt/>
E-mail: geral@tudovaimelhorar.org

OPUS Diversidades

<https://opusdiversidades.org/>
telf: 924 467 485
e-mail: geral@opusdiversidades.org

PROJETO BÚSSULA (Guimarães)

<https://www.somoscpf.pt/projeto-bussola/>
e-mail: bussola@somoscpf.pt

Serviços

REDE EX AEQUO

Associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes em Portugal

<https://www.rea.pt/>;

e-mail: geral@rea.pt

Materiais

Guia Sobre Saúde e Leis Trans em Portugal e outros recursos para jovens e docentes (rede ex aequo)

<https://www.rea.pt/guia-trans/>

Guia Para Intervenientes na Ação Comunitária e na Comunidade Escolar sobre Orientação Sexual e Identidade de Género (AMPLOS)

<http://www.amplos.pt/>

Come to the Rainbow School – Guia para Professores/as Inclusivos/as (It Gets Better Portugal)

<https://itgetsbetter.pt/come-to-the-rainbow-school>

Alianças Da Diversidade (ILGA Portugal)

<http://add.ilga-portugal.pt/>

School's Out (ILGA Portugal)

<https://ilga-portugal.pt/projetos/schools-out/>

Diversidade na Infância – Manual Como Prevenir e Combater a Violência contra Crianças e Jovens LGBTI+ e de Género Diverso (Centro de Estudos Sociais Universidade de Coimbra)

<https://www.diversityandchildhood.eu/handbook>

Programa de Prevenção do Bullying Contra Pessoas LGBTI – Manual de Formação para Formadores/as e Docentes (Associação Plano I)

<https://www.associacaoplanoi.org/publicacoes/>

NOTA:

GLOSSÁRIOS COM ALGUNS DOS CONCEITOS UTILIZADOS NESTE RELATÓRIO PODEM SER CONSULTADOS EM

- COMISSÃO PARA A CIDADANIA E IGUALDADE DE GÉNERO, EM [HTTPS://WWW.CIG.GOV.PT/AREA-LGBTI/GLOSSARIO/](https://www.cig.gov.pt/area-lgbti/glossario/)
- “GUIA SOBRE SAÚDE E LEIS TRANS EM PORTUGAL: RECURSOS E PROCEDIMENTOS” DA ASSOCIAÇÃO REDE EX AEQUO: [HTTPS://WWW.REA.PT/IMGS/UPLOADS/GUIA-TRANS.PDF](https://www.rea.pt/imgs/uploads/guia-trans.pdf)
- “GUIA PARA INTERVENIENTES NA AÇÃO COMUNITÁRIA E ESCOLAR SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÉNERO”, DA ASSOCIAÇÃO AMPLOS - ASSOCIAÇÃO DE MÃES E PAIS PELA LIBERDADE DE ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÉNERO: [HTTPS://WWW.AMPLOS.PT/CONTACTOS/](https://www.amplos.pt/contactos/)

¹UNESCO (2012). Good Policy and Practice in HIV and Health Education - Booklet 8: Education Sector Responses to Homophobic *Bullying*; UNESCO (2016) Out in the open: education sector responses to violence based on sexual orientation and gender identity/expression - UNESCO Digital Library.

²Para mais informações consultar <https://www.thefreeproject.net/>

³Documentação que pode ser consultada:

- o Constituição da República Portuguesa, VII Revisão Constitucional (2005)
- o Decreto Regulamentar n.º 6/2016. Diário da República n.º 249/2016, Série I de 2016-12-29
- o Despacho n.º 7247/2019. Diário da República n.º 156/2019, Série II de 2019-08-16
- o Lei n.º 2/2016. Diário da República n.º 41/2016, Série I de 2016-02-29
- o Lei n.º 7/2011. Diário da República n.º 52/2011, Série I de 2011-03-15
- o Lei n.º 9/2010. Casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. Diário da República n.º 105/2010, Série I de 2010-05-31
- o Lei n.º 38/2018. Diário da República n.º 151/2018, Série I de 2018-08-07
- o Lei n.º 51/2012. Diário da República n.º 172/2012, Série I de 2012-09-05
- o Lei n.º 60/2009. Diário da República n.º 151/2009, Série I de 2009-08-06
- o Lei n.º 36/98. Diário da República n.º 169/1998, Série I-A de 1998-07-24
- o Recomendação CM/Rec(2010)5 do Comité de Ministros do Conselho da Europa aos Estados Membros sobre medidas para o combate à discriminação em razão da orientação sexual ou da identidade de género

⁴Pizmony-Levy, O., Freeman, C., Fernandes, T., Gato, J., Moleiro, C., Leal, D., & Nunes, D. (2018). Estudo Nacional sobre o Ambiente Escolar. Jovens LGBTI+ 2016/2017. ILGA Portugal. https://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/ILGA_ENAE_2016-2017.pdf

⁵A long way to go for LGBTI equality EU-LGBTI II. (2020). <https://doi.org/10.2811/582502>

⁶Fundamental Rights Agency (2020). LGBTI Survey II. Retirado em junho, 6, 2020 de <https://fra.europa.eu/en/data-and-maps/2020/lgbti-survey-data-explorer>

⁷Estratégia Nacional para a Igualdade e Não Discriminação. Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2018

⁸Ambas as designações ('homem' e 'mulher') se referem a pessoas cisgénero, isto é, cuja identidade de género coincide com o sexo atribuído à nascença.

⁹Embora diga respeito a características sexuais biológicas, a categoria intersexo foi incluída nas opções de resposta à questão relativa à identidade de género, uma vez que a categorização do sexo que existe do ponto de vista legal em Portugal é ainda binária (sexo masculino/sexo feminino). Por outro lado, a categoria intersexo pode também designar uma identidade.

¹⁰GALLUP (2021, fevereiro). LGBT Identification Rises to 5.6% in Latest U.S. Estimate. Recuperado de <https://news.gallup.com/poll/329708/lgbt-identification-rises-latest-estimate.aspx>

¹¹UNESCO (2016) Out in the open: education sector responses to violence based on sexual orientation and gender identity/expression - UNESCO Digital Library; UNESCO (2019) 'Behind the Numbers: Ending School Violence and Bullying', Sustainable Development Goals: Education 2030, pp. 1-74.

¹²A diferença entre os dois grupos é estatisticamente significativa, e a escala varia entre 1 (nunca) e 6 (várias vezes por semana): LGBTQ+ M = 1.7, DP = .57; CisHetero M = 1.5, DP = .72, $t(-7.610) = 957.5$, $p < .001$.

¹³A diferença entre os dois grupos é estatisticamente significativa, e a escala varia entre 1 (nunca) e 6 (várias vezes por semana): LGBTQ+ M = 1.5, DP = .57; CisHetero M = 1.2, DP = .36, $t(-7.610) = 957.5$, $p < .001$.

¹⁴Karsay, D. (2021) Trans & Poverty. Poverty and economic insecurity in trans communities in the EU.

¹⁵Fundamental Rights Agency (2020) A long way to go for LGBTI equality EU-LGBTI II. doi: 10.2811/582502.

¹⁶Avaliada através da California Bullying Victimization Scale (Felix, Sharkey, Green, Furlong, & Tanigawa, 2011) a diferença entre os dois grupos é estatisticamente significativa, $t(-4.585) = 1113.3$, $p < .001$.

¹⁷Meyer, I. H. (2003) 'Prejudice, Social Stress, and Mental Health in Lesbian, Gay, and Bisexual Populations: Conceptual Issues and Research Evidence', *Psychological Bulletin*, 129(5), pp. 674-697.

¹⁸Lei n.º 60/2009. Diário da República n.º 151/2009, Série I de 2009-08-06

¹⁹As diferenças entre os dois grupos são estatisticamente significativas: *Faltaram às aulas* - $t(-2.060) = 1136$, $p = .04$; *Pensaram desistir das aulas* - $t(-4.4196) = 1143$, $p < .001$; *Pretendem desistir das aulas* - $t(-3.671) = 1141$, $p < .001$

²⁰Freitas, D. F., D'Augelli, A.R., Coimbra, S., Fontaine, A. M. (2016). Discrimination and Mental Health Among Gay, Lesbian, and Bisexual Youths in Portugal: The Moderating Role of Family Relationships and Optimism. *Journal of GLBT Family Studies*, 12(1), pp. 68-90.

²¹Avaliada através da questão “Em que medida é que te sentes desconfortável na tua família, na situação atual de confinamento social?”. Diferença estatisticamente significativa: $t(-8.000)=1034.7, p <.001$

²²Canadá, França, Nova Zelândia, Israel são exemplos recentes, que se juntaram a países como o Brasil, Noruega, Argentina, Albânia, Malta, Suíça, entre outros.

²³Ordem dos Psicólogos Portugueses (2020). Linhas de orientação para a prática profissional no âmbito da intervenção psicológica com pessoas LGBTQ+. Recuperado de www.ordemospsicologos.pt/ficheiros/documentos/linhasorientacao_LGBTI+q.pdf

²⁴https://ordemosmedicos.pt/wp-content/uploads/2017/09/Parecer_aprovado_Dez_09.pdf

The FREE Project:
Relatório preliminar
sobre jovens LGBTQ+
e clima escolar em
Portugal - Maio 2022



U.PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO



CENTRO
DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DO PORTO

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

fwo